



Artigo recebido em: 20/01/2014

Artigo aceito em: 18/02/2014

O CONCÍLIO VATICANO II: O CONCLAVE QUE MUDOU OS RUMOS DA IGREJA CATÓLICA.

Renato Torres Anacleto Rosa¹

Mestrando (PPGHC/UFRJ)

<http://lattes.cnpq.br/7714135523361484>

Resumo: O presente artigo tem por objetivo refletir sobre a relevância do Concílio Vaticano II, ocorrido entre 1962 e 1965, tendo como base as novas respostas da Igreja frente ao ideário ecumênico e à relação desta com o mundo contemporâneo. Desta forma, para atingir o escopo proposto, descrevemos os principais fatos das quatro sessões do Concílio, debruçando-nos sobre os documentos produzidos pelo Conclave, como a "Nostra Aetate" e a "Gaudium et Spes", textos que sintetizam as novas diretrizes adotadas pela Igreja Católica.

Palavras-chave: Concílio Vaticano II; Ecumenismo; "Gaudium et Spes"; "Nostra Aetate".

Abstract: This article aims to reflect on the significance of Vatican II, which occurred between 1962 and 1965, based on the new responses of the Church against the ecumenical ideology and the relationship of this with the contemporary world. Thus, to achieve the proposed scope, we describe the main facts of the four sessions of the Council, addressing us on the documents produced by the Conclave, as the "Nostra Aetate" and "Gaudium et Spes," texts that synthesize the new guidelines adopted by Catholic Church.

¹ Mestrando em História Comparada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, sob a orientação do Prof. Dr. André Leonardo Chevitaress. Agência Financiadora: CAPES-Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. E-mail: renato.torres13@gmail.com

Keywords: Vatican II, Ecumenism, "Gaudium et Spes", "Nostra Aetate".

Concílio Vaticano II: raízes históricas.

O final da Segunda Guerra Mundial mudou a concepção do sujeito moderno perante a sua realidade. A tecnologia a serviço da morte colocou o homem no proscênio do mundo, desafiando, por conseguinte, sua própria realidade. Assim o historiador Eric Hobsbawm (2008: 9) sublinha esse novo período:

O século XX foi a era mais extraordinária da história da humanidade, combinando catástrofes humanas de dimensões inéditas, conquistas materiais substanciais e um aumento sem precedentes da nossa capacidade de transformar e talvez de destruir o planeta. [...] O número total de mortes causadas pelas guerras foi estimado em 187 milhões de pessoas, o que equivale a mais de 10% da população mundial em 1913.

O mundo repleto de mudanças ao final da Segunda Guerra Mundial, com a vitória das forças democráticas, comportando em seu interior os dois sistemas, o capitalista e o socialista, partia para uma nova reordenação. Embora ainda vigorassem, começavam a se esfacelar os impérios coloniais. O Socialismo apresentava-se como uma alternativa para as jovens nações e também para os povos que viviam na periferia do sistema capitalista, numa situação de pobreza e dependência. O capitalismo não era mais, portanto, a única possibilidade para os povos mais pobres. Essa questão levava à bipolarização do mundo entre o Ocidente capitalista e o mundo socialista, incorporava, além da ex-URSS, a China.

Conforme ressaltou Alberigo (1996, p. 23), “as circunstâncias históricas pareciam a muitos inadequadas para a convocação de uma grande assembleia eclesiástica”. Ele prossegue: “Foi inesperada, imprevista e surpreendente para todos os ambientes, marcados pelo clima de “guerra fria” e lentos pelo fato de se aceitar um catolicismo imutável de suas certezas”. O Vaticano I ocorrera há um longo tempo, tendo a ideia do Vaticano II se tornado ambígua.

Dada sua importância histórica, o Vaticano II é considerado o evento eclesiástico de maior importância do século XX, tendo recebido muita atenção por parte da imprensa mundial (ALBERIGO, 1996: 23).

Nessa perspectiva, o Concílio Vaticano II foi a mais proeminente reforma da História da Igreja Católica nos seus dois mil anos de História. Como observou Kenneth Serbin (2002: 99):

O Concílio Vaticano II reuniu em Roma, de 1962 a 1965, mais de dois mil bispos e centenas de teólogos de todas as partes do mundo. Eles reformaram a doutrina e as estruturas, numa tentativa de tirar o catolicismo do mal-estar em que se encontrava desde o fim da Segunda Guerra Mundial, e torná-lo relevante em um mundo moderno em rápida transformação. [...] Por sua vez, a ênfase do Concílio na justiça social e nos direitos humanos impeliu os teólogos, o clero e as freiras da América Latina a se aprofundarem no trabalho com a maioria empobrecida. Significativamente, o

Vaticano II enfatizou o diálogo dentro da instituição e com outras fés e filosofias.

O Concílio Vaticano II foi o 21º Concílio Ecumênico da História da Igreja Católica. É ecumênico porque reuniu toda a cristandade mundial, rompendo, com efeito, as questões geográficas. O concílio baseou-se no *aggiornamento*, em noutros termos, na adaptação da Igreja frente ao mundo moderno.

Nesse ideário de renovação da Igreja, o Vaticano II também deu atenção sistemática à questão do pobre, conforme ressaltou Maria Conceição Pinto de Góes (1999: 263):

O Concílio Vaticano II, para muitos cristãos, levou a Igreja Católica a uma reafirmação da fé e da vida. Cristo habitava em casa pobre, em cada oprimido, em cada humilhado. Habitava na História. O Cristo no interior da História chamava aos homens de boa vontade por uma nova ressurreição. A ressurreição dar-se-ia com a libertação de todos os oprimidos da Terra.

O Pré-concílio.

O referido Concílio fora anunciado na manhã de 25 de janeiro de 1959, três anos antes do início do Conclave. Assim o Papa João XXIII discursa dando gênese ao Concílio que transformou a estrutura da Igreja Católica:

Pronuncio perante vós, certamente um pouco de emoção, mas também com humildade firmeza de intenção, o nome das duas Celebrações. Um Sínodo diocesano para a cidade de Roma e um Concílio Geral para a Igreja universal [...] Foi decisão tomada para evocar algumas formas antigas de afirmação doutrinal e de sábias regulamentações de disciplina eclesiástica, que na história da Igreja em períodos de renovação deram frutos de extraordinária eficácia para a densidade da unidade religiosa e o maior efervoramento cristão. (ALBERIGO, 1996: 22)

O anúncio do Vaticano II foi concebido como um projeto ambíguo e complexo para um Sumo Pontífice recém-eleito e com idade de 77 anos.

No período entre o anúncio do Concílio e a primeira sessão o silêncio representou grande euforia e indagações dos conciliares. Inúmeros meios de comunicação da época, como o *La Civiltà* e o *L'Osservatore romano*, expuseram informações sobre o Conclave, porém de forma superficial e sem muitos pormenores. (BEOZZO, 1999: 45).

Esse ambiente paradoxal também atingiu os cristãos não –católicos. O primeiro órgão ecumênico a reunir os protestantes em solo mundial foi o Conselho Mundial de Igrejas, fundado em 1948, na cidade de Genebra, Suíça. Na opinião de Alberigo (1996, p. 45), o interesse do Conselho à alocução de João XXIII deu-se em razão da preocupação em evitar que a Igreja Católica monopolizasse o novo clima ecumênico. Nessa perspectiva, muitos clérigos protestantes chegaram a Roma para

tomar conhecimento da nova proposta levantada pela Igreja Católica, dentre eles I. Rea, da Igreja Anglicana e Visser't Hooft, pastor reformado holandês.

O Desenrolar do Vaticano II: As quatro sessões conciliares.

A primeira sessão conciliar ocorreu entre outubro de 1962 e setembro de 1963. A abertura dos trabalhos, como era de se esperar, foi tumultuosa. O último Concílio, o Vaticano I, ocorrera há quase um século, mostrando que os clérigos convocados estavam desacostumados com a nova realidade.

Conforme Yves Congar, bispo francês e um dos principais conciliares, a vigília de abertura foi caracterizada pela despreparação e desordem. À época, os cerca de 700 jornalistas estavam ansiosos por informações. O silêncio não cessava (ALBERIGO, 1996: 22).

O discurso de abertura, *Gaudet Mater*, proferido pelo papa Roncalli reafirmou o objetivo de aproximar as pessoas ao sagrado patrimônio da tradição, levando em conta as mudanças das estruturas sociais da Igreja. Nessa primeira sessão o continente americano, que não fora representado em Trento e muito pouco no Vaticano I, havia enviado 956 bispos; o continente asiático enviou mais 300 e o africano 379 delegados. (BOMBONATTO e GONÇALVES, 2005: 34).

O primeiro período do Concílio teve muitos esquemas, tendo as Comissões conciliares um papel relevante, sendo coordenadas por uma Comissão Organizadora. Durante a primeira fase, três esquemas foram considerados de maior importância: *De revelatione*, *De ecclésia* e o *Esquema 17*, acerca da presença da Igreja no mundo. A primeira comissão tinha o escopo de dialogar com os dois campos que surgiram a partir da discórdia das questões do laicato e do ecumenismo. A segunda dizia respeito à problemática da eclesiologia, ou seja, a forma de organizar a comunidade religiosa. O terceiro e o último eram concernentes a uma gama de problemas e projetos levantados por vários conciliares durante a primeira sessão. Surgiram muitas dificuldades nos encaminhamentos dessa Comissão, pois os conciliares não estavam preparados para tamanha complexidade e extensão de projetos.

3 de junho de 1963: falece o papa Roncalli. O segundo período do Conclave preocupou-se com a exposição da doutrina da Igreja, da Reforma Interna, da relevância da unidade dos cristãos e do diálogo da Igreja com o mundo contemporâneo. Além de se ter uma definição dada para si mesma, teria também a compreensão do papel do episcopado e de sua relação com o papa. Após a Santificação interna fazia-se necessário o diálogo da Igreja com a realidade extra-ecclesial.

Nesse período as ambiguidades não cessaram. Os debates acerca dos Esquemas, como *sobre a Igreja* e *De ecumenismo* tiveram efervescentes discussões. Muitas indagações foram trazidas à tona acerca do significado do ecumenismo e da estrutura hierárquica da Igreja. De 4 a 16 de outubro, 2231 conciliares foram favoráveis à continuidade do antigo esquema, sendo 43 contrários. (BOMBANATTO, e GONÇALVES, 2005: 45).

No discurso de encerramento, Paulo VI declarou que o resultado não correspondia a tudo que esperava e haveria muito trabalho na próxima sessão. Nesse mesmo discurso o papa Montini afirmou de sua visita à Jerusalém e o encontro com Atenágoras, o Patriarca de Constantinopla, representante da Igreja Ortodoxa.

A penúltima sessão do Concílio ocorreu entre 14 de setembro de 1963 e 21 de novembro de 1964. Esse período foi caracterizado como o momento da maior crise conciliar, onde as controvérsias acerca dos documentos continuaram a ocorrer. Entre 20 de outubro e 09 de setembro houve incessantes discórdias sobre o texto da "Igreja e o mundo", que apresentavam problemáticas no que tange às questões da pobreza e da guerra.

Na quarta e última sessão, iniciada em 4 de janeiro de 1965, Paulo VI declara a sua visita à Organização das Nações Unidas - ONU, mostrando assim a relevância que dava ao diálogo da Igreja com o mundo e da função da Igreja em estar a serviço de toda a humanidade.

Na gênese da quarta sessão houve debates acerca da *liberdade religiosa*:

O relator De Smedt esclareceu que o texto não equiparava a verdade e não retirava do indivíduo a obrigação moral de procurar a verdade, mas contemplar a liberdade de cada denominação religiosa no campo civil. 224 padres foram contrários. Após a correção, os negativos aumentaram para 249. (BOMBANATTO e GONÇALVES, 2005: 59).

À luz do exposto, nota-se que o Vaticano II não escapou à regra de reuniões conciliares: o debate e as ideias divergentes dos prelados. Com efeito, as novas diretrizes assumidas pela Igreja Católica, como da questão do diálogo da Igreja com as denominações não-católicas e da relação da mesma com o mundo moderno, foram fruto de muitas discussões entre as diversas correntes ideológicas da Igreja, ressaltando, com efeito, a heterogeneidade dentro dessa instituição.

A "Gaudium et Spes": o diálogo da Igreja com o mundo.

As quatro sessões do conclave produziram um *corpus* documental das novas premissas teológicas que a Igreja Católica passara a adotar. No tocante às reformas litúrgicas, o Concílio oficializou a participação dos leigos na liturgia,

oferecendo aos mesmos uma participação mais profícua nas leituras bíblicas e nos cânticos. A Igreja também passou a reconhecer o uso de instrumentos musicais não se restringindo somente ao órgão de tubo. Destarte, aprovou a liturgia das missas nas línguas vernáculas, limitando o uso do latim.

A Constituição Pastoral “Gaudium et Spes” (Alegria e Esperança) ou “Sobre a Igreja no mundo de hoje” foi considerada o “coração” do concílio. A ideia deste documento surgiu no fim da 1ª Sessão, à luz da intervenção do cardeal Joseph Suenens, arcebispo de Bruxelas e um dos principais líderes da ala progressista no Concílio. Esse documento sintetizou as diretrizes adotadas pela Igreja Católica, principalmente no diálogo da Igreja com o mundo moderno. Na introdução da Carta, o documento sublinha:

[...] A Igreja, a todo momento, tem o dever de perscrutar os *sinais dos tempos* e interpretá-los à luz do Evangelho, de tal modo que possa responder, de maneira adaptada a cada geração, às interrogações eternas sobre o significado da vida presente e futura e de suas relações mútuas. É necessário, por conseguinte, conhecer e entender o mundo no qual vivemos, suas esperanças, suas aspirações e sua índole frequentemente dramática (VIER, 2000: 145).

O termo “sinais dos tempos” foi uma expressão muito utilizada no decorrer do documento. Em síntese, queria afirmar que a Igreja estava disposta a conhecer a História dos homens e da sociedade, pois, como fica claro no documento, a Igreja só poderia intervir na sociedade perante a sua representação e reflexão das novas condições do mundo contemporâneo, como o fenômeno da urbanização, do progresso econômico e da industrialização.

Além da reflexão sobre as questões econômico-sociais, a “Gaudim et Spes” dá relevo à questão cultural. Nesse prisma do diálogo da Igreja com o mundo, o documento reitera que não há uma dicotomia entre fé e cultura, agindo a segunda como aperfeiçoamento da fé e como instrumento para a construção de um mundo melhor:

Quando se aplica às múltiplas disciplinas da filosofia, da história, das ciências matemáticas e naturais e se ocupa das artes, o homem pode contribuir em alta medida para que a família humana se ele às noções mais nobres do verdadeiro, do bom e do belo e a um juízo de valor do universo e seja mais claramente iluminado pela Sabedoria admirável, que estava junto de Deus toda a eternidade. (VIER, 2000: 208).

Friedrich Nietzsche, o filósofo destruidor da moral judaico-cristã, em sua obra “O Anticristo” (2009), teceu duras críticas ao cristianismo, denominando-o de “platonismo para o povo”, em razão da valorização que a Igreja dava à realidade metafísica. À luz do trecho “Gaudium et Spes”, é claro notar que mesmo não

abandonando a metafísica, a Igreja começava a valorizar, na linguagem nietzscheana, o mundo da “matéria”. Assim, O concílio privilegiou uma relação dialética entre Igreja e mundo, evitando, com efeito, uma relação alternativa (Igreja OU mundo). (GARAUDY, 1969: 35) Nesse sentido, faz necessário ressaltar que esse documento se preocupa menos com uma abordagem cristológica do que numa abordagem histórica sobre as transformações na qual a humanidade estava passando. Assim, na tessitura do pensamento Gramsciano, a Igreja começava a “tomar partido” frente aos casos de degradação dos direitos da pessoa humana, incentivando os cristãos a lutarem por um mundo mais justo:

Para os cristãos constitui sem dúvida excelente forma de atividade internacional o concurso que prestam, individualmente ou em grupos, nos Institutos já existentes ou por existir, a fim de dar impulso à cooperação entre as nações. Para a edificação da comunidade dos povos na paz e na fraternidade, além disso, podem servir de muitas maneiras as diversas associações católicas internacionais (VIER, 2000: 252).

Nessa perspectiva, o Vaticano II não foi um conclave condenatório de heresias e verdades que contrapunham a da Igreja. A questão do ateísmo é um caso ímpar para analisarmos de que forma a instituição católica concebia esse ideário. A “*Gaudium et Spes*” assinala que mesmo reprovando o ateísmo, a Igreja visa também compreender as razões desse fenômeno:

Fiel quer a Deus e quer aos homens, a Igreja não deixa de reprovar dolorosamente, com toda a firmeza, como reprovou até agora, aquelas doutrinas e atividades perniciosas que contradizem à razão e à experiência humana universal e privam o homem de sua grandeza inata. Contudo a Igreja tenta descobrir, no pensamento dos ateus, as causas latentes da negação de Deus e, consciente da gravidade dos problemas que o ateísmo levanta, guiada pela caridade para com todos os homens, julga que estes motivos devem ser submetidos a um sério e mais profundo exame.[...] O remédio porém a ser levado ao ateísmo deve-se esperar não só de uma adequada exposição doutrinária mas também de pureza de vida da Igreja e de seus membros [...] Ainda que rejeite absolutamente o ateísmo, a Igreja contudo declara com sinceridade que todos os homens, crentes e não-crentes, devem prestar auxílio à construção adequada deste mundo, no qual vivem comunitariamente (VIER, 2000: 162)

Essa linha de raciocínio baseada no diálogo da Igreja lembra a própria admoestação de João XXIII, no prefácio da Encíclica “*Pacem in Terris*” (Paz na Terra), de 1963, ao afirmar que não caberia somente aos cristãos à busca de um mundo melhor, mas “a todos os homens de boa vontade”:

A todos os homens de boa vontade incumbe a imensa tarefa de restaurar as relações de convivência humana na base da verdade, justiça, amor e liberdade: as relações das pessoas entre si, as relações das pessoas com as suas respectivas comunidades políticas, e as dessas comunidades entre si, bem como o relacionamento de pessoas, famílias, organismos intermédios e

comunidades políticas com a comunidade mundial. Tarefa nobilíssima, qual a de realizar verdadeira paz, segundo a ordem estabelecida por Deus. (PACEM IN TERRIS, 1963: 1).

Nessa linha de raciocínio, o Vaticano II recebeu observadores não católicos, como protestantes e cristãos ortodoxos. Destarte, dirigentes comunistas como o membro do Comitê Central do Partido Comunista Francês, Roger Garaudy também participaram dos seminários do conclave. (GÓES, 1999:17). Nesse horizonte, o diálogo entre cristãos e marxistas, na hierarquia, começou com o papa João XXIII quando recebeu, pela primeira vez, um dirigente comunista russo, como Alexei Adzubei. Paulo VI completou o gesto recebendo, em 1967, no Vaticano, o presidente da União Soviética, Nicolai Podgorny. (COMBLIN, PINHEIRO e PUTRICK, 1983: 35).

Cabe ressaltar que esse diálogo não consistiu num pacto entre a Igreja e o Marxismo, mas num pontapé para a gênese de relativização frente a esse pensamento. Os próprios documentos do Concílio rejeitam a forma como o marxismo foi aplicado, à luz das ações da União Soviética e da China, consideradas como ditaduras (ARAÚJO, 2004: 291). O interessante nesse diálogo é que os próprios marxistas, como Roger Garaudy, viram nesse novo momento da História da Igreja, uma forma de tentar uma aproximação entre cristãos e marxistas. Por conseguinte, Maria Conceição Pinto de Góes (1999: 46) afirma que “Garaudy foi um dos defensores de uma aproximação entre cristãos e marxistas”. Nesse *mister*, como desdobramento do Vaticano II, o comunista francês publicou o livro “Do Diálogo ao Anátema” (1969), trazendo suas impressões do Vaticano II e o debate a natureza do diálogo entre cristãos e marxistas.

A “Nostra Aetate” e a questão do “outro”.

Para além da “Gaudim et Spes”, é mister considerarmos a forma com que a Igreja passou a dialogar com as tradições religiosas não-cristãs e com o mundo moderno. Com relação a essas denominações, o Concílio, através da Declaração “Nostra Aetate”(Sobre a Igreja e as religiões não-cristãs), deu relevância ao diálogo principalmente com a religião judaica, reconhecendo a relevância do judaísmo para a religião cristã.

Promulgada em 28 de outubro de 1965, a Declaração é o menor documento produzido no Vaticano II, sendo resultado das reflexões do “Secretariado para a união dos Cristãos”, grupo assessor do Conclave para as questões inter-religiosas. Assim a carta sublinha a valorização da Igreja Católica frente às outras tradições religiosas:

A Igreja Católica nada rejeita do que há de verdadeiro e santo nestas religiões. Considera ela com sincera atenção àqueles modos de agir e viver, aqueles preceitos e doutrinas. Se bem que em muitos pontos estejam em desacordo com os que ela mesma tem e anuncia, não raro, contudo, refletem lampejos daquela Verdade que ilumina a todos os homens. Anuncia e vê-se ela de fato obrigada a anunciar incessantemente o Cristo que é caminho, verdade e vida, no qual todos os homens possam encontrar a plenitude de vida religiosa e no qual Deus tudo reconciliou a Si. Exorta por isso seus filhos a que, com prudência e amor, através do diálogo e da colaboração com os seguidores de outras religiões.

Mesmo sendo um documento curto, a “Nostra Aetate” tem uma relevância fundamental para a questão do diálogo inter-religioso, pois é o único documento que sistematiza a natureza da relação da Igreja Católica com as confissões não-cristãs.

A priori, após reiterar as verdades do Budismo e do Hinduísmo, o documento sublinha a importância da religião Islâmica para o Cristianismo. Nessa perspectiva, a menção ao Islã diz respeito à sua definição como religião “Abraâmica” e monoteísta e de seu respeito à figura de Jesus, reconhecendo-o como profeta.

No tocante à religião judaica, a “Nostra Aetate” dedica uma atenção maior à valorização dessa tradição religiosa. O primeiro ponto a ressaltar diz respeito à premissa de que a religião Cristã encontra suas raízes dentro do Judaísmo, a partir dos Patriarcas da Igreja como Abraão e Moisés.

Pois a Igreja de Cristo reconhece que os primórdios da fé e de suas eleições já se encontram nos Patriarcas, em Moisés e nos Profetas, segundo o mistério salvífico de Deus. (VIER, 2000: 622).

Desta forma, “o Sacrossanto Concílio quer fomentar e recomendar a ambas as partes mútuo conhecimento e apreço. Poderá ele ser obtido principalmente pelos estudos bíblicos e teológicos e ainda por diálogos fraternos”. (VIER, 2000: 623).

Um ponto ímpar do documento diz respeito à mudança de posição da Igreja frente aos judeus em virtude da associação destes com a morte de Jesus. A Carta alerta que não pode haver uma generalização no sentido de culpar os judeus pelo sofrimento de Jesus na morte na Cruz. Em razão disso, a Igreja aboliu de seus rituais da Sexta-feira da Paixão inúmeras referências do sofrimento de Jesus no intuito de preservar as críticas frente à religião judaica.

Por fim, tendo em vista o período do Nazismo, a Igreja lamenta os ódios e perseguições contra o povo judeu, reprovando as manifestações anti-semíticas surgidas na primeira metade do século XX. Porém, mesmo com a promulgação desse documento, a Igreja Católica, na prática, só fez seu pedido de desculpas aos

judeus, frente à passividade da Igreja em criticar o Nazismo, em 2005, com o Papa João Paulo II. (VEJA, 06 DE ABRIL DE 2005).

Conclusão:

O Concílio Vaticano II, o 21º Concílio Ecumênico da Igreja Católica, marcou profundamente a História eclesiástica na segunda metade do século XX. É uma tarefa árdua compreender a história da Igreja em tempos atuais sem trazer à tona os novos ideários que esse Concílio colocou em relevo. Em solo latino-americano, a própria criação da Teologia da Libertação criada na década 1960 e com sua “opção pelos pobres”, é fruto, em parte, das mudanças institucionais irrompidas no seio da Igreja de Roma. Atualmente, quando comunidades de bases e outros setores da Igreja ponderam sobre temas como justiça social e ecumenismo a menção ao Vaticano II é uma lição quase que obrigatória.

Por fim, no intuito de compreendermos o alcance do Vaticano II para a História da Igreja, vejamos as palavras de Dom Helder Câmara, Arcebispo de Olinda e Recife à época do Regime Militar, e uma das principais referenciais para a cultura da paz e da justiça social:

O Concílio Ecumênico Vaticano II disse muitíssimo, por suas palavras e seu silêncio. Disse uma palavra perfeita sobre a Igreja, pondo em relevo a ideia fecunda de Povo de Deus, salientando a Colegialidade Episcopal, abrindo espaço para o leigo. Disse palavra de força altamente renovadora sobre a liturgia e sobre Missão. Falou bem, de modo oportuno e justo, sobre a missão do Bispo, missão do Padre e apostolado dos leigos. Note-se, ainda, que importante como o que o Concílio disse é o silêncio que, em certas circunstâncias, ele timbrou em manter. Recusou-se toda e qualquer condenação, convicto de que estamos, cada vez mais, na era do diálogo. Evitou qualquer palavra que importasse em fechamento de portam, em estreiteza de vista, em atitude menos larga e menos nobre. Podemos e devemos agradecer a Deus a primavera que se anuncia: de renovação teologia, litúrgica, missionária, ecumênica...Primavera, talvez, ainda mais bela do que o mais audacioso sonho do Papa João, o profeta do Vaticano II. (RAMPONI, 2013: 79).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

ALBERIGO, Gisuseppe. *História do Concílio Vaticano II*. Vol. II. A formação da consciência conciliar. O primeiro período e a primeira intersessão. (Outubro de 1962 a Setembro de 1963). Petrópolis-RJ: Vozes, 1999.

ARAÚJO, Edvaldo Emanuel de. *“Sinais dos tempos, sinais de Deus”*: Evangelizar na realidade de injustiça. Pensamento Teológico e Antropológico de Dom Helder Câmara. Tese de doutoramento. Pontificia Facultas Theologica. Roma, 2004.

BEOZZO, José Oscar Beozzo. Dom Helder Câmara e o Concílio Vaticano II. In: ROCHA, Zildo (Org.) *Helder, o Dom*. Uma vida que marcou os rumos da Igreja no Brasil. Petrópolis-RJ: Vozes, 1999.

BOMBANATTO, Vera Ivanise & GONÇALVES, Paulo Sérgio Lopes. *Concílio Vaticano II: análise e perspectivas*. São Paulo: Paulinas, 2005.

COMBLIN, José, PINHEIRO, José e PUTRICK, Maria Bernarda. *Dom Helder: pastor e profeta*. São Paulo: Paulinas, 1983.

GARAUDY, Roger. *Do Anátema ao Diálogo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969.

GÓES, Maria Conceição Pinto de. *A Aposta de Luiz Ignácio Maranhão Filho: cristãos e comunistas na construção da utopia*. Rio de Janeiro: EdUFRJ, 1999.

HOBBSAWM, Eric. *Globalização, Democracia e Terrorismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

RAMPONI, Ivanir Antônio. *O Caminho Espiritual de Dom Helder Câmara*. São Paulo: Paulinas, 2013.

SERBIN, Kenneth P. *Diálogos na sombra: Bispos e Militares, Tortura e Justiça Social na Ditadura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

VIER, Frederico. *Compêndio do Vaticano II: constituições, decretos e declarações*. Petrópolis-RJ: Vozes, 2000.

Revista:

Veja: 06 DE Abril de 2005

Sítio

http://www.vatican.va/holy_father/john_xxiii/encyclicals/documents/hf_j-xxiii_enc_11041963_pacem_po.html